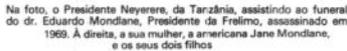


# A Frelimo e os "outros"

MAS QUEM não estes felicitistas do seu FRELIMO que comemoram "Decretos de Moçambique" e não "Estadantes"? Frelimo seguiu a abertura de uma boicote de informações ideológicas e de uma propaganda política portuguesa extremamente agressiva, pretendendo projectar no opinão pública de Moçambique a imagem de um grupo desorientado e maltrapalhado a soldo de tenebrosos interesses estrangeiros. E esta, com efeito e com ligadas variantes, a ideia que grande parte da minoria branca e determinados sectores da pequena burguesia negra faz, ainda hoje, daquele movimento. A esta imagem, e com gravíssimas consequências ideológicas entre esses sectores

populacionais, sobrepôs-se ao longo dos últimos meses um crescente identificação da guerra, de diversas acções de guerrilha camufladas, a abertura de uma quarta frente de luta armada em Manica e Sofala e a certeza a que chegavam gradualmente os principais responsáveis militares portugueses, de que as soluções para o conflito teriam de seguir a via de uma luta, armada revolucionária a sua linha.



No foto, o Presidente Nyerere, da Tanzânia, assistindo ao funeral do dr. Eduardo Mondlane, Presidente da Frelimo, assassinado em 1969. A direita, a sua mulher, a americana Jane Mondlane, e os seus dois filhos

política. Uma linha política, portanto, enraizada e reflectida nos circunstancialismos de Moçambique e procurando responder às mais íntimas aspirações do seu povo.



completa da dominação colonial portuguesa em Moçambique, do imperialismo e de todos os seus vestígios, transformar a situação, construir um Moçambique livre, próspero, desenvolvimento, moderno e forte, construir uma nova personalidade moçambicana, estabelecer uma nova ordem social, popular onde não exista a exploração do homem pelo homem." A noção de que uma luta com estes objectivos será uma "luta prolongada" tem vindo a ser reforçada com maior insistência nos últimos meses, após ter sido formulada em 1968. Por isto o movimento entende que não estará disposto a aceitar uma solução neocolonialista, pelo que a luta armada continuará até que as finalidades por que se bate sejam possíveis de concretizar em todo o Moçambique.

# Frelimo: "Não existe fascismo liberal nem colonialismo democrático"

"NO DIA 25 DE Abril de 1974 tomámos conhecimento através das emissoras de radiodifusão do desmantelamento em Portugal de um golpe de estado pelas Forças Armadas do qual veio a resultar a destituição do governo de Marcello Caetano e a sua substituição por uma Junta de Salvação Nacional. Este Movimento, segundo os seus promotores, visa responder às exigências da actual situação através de um regime e a sociedade portuguesa após 13 anos de guerra colonial. Na realidade, o golpe de estado que acaba de ter lugar não pode ser visto isoladamente: é um resultado da tomada de consciência de sectores crescentes do povo português de que a guerra colonial desencadeada pelo regime fascista via reprimir as aspirações do povo colonizado, a independência e a libertação, e opõe-se em definitivo às próprias aspirações do povo português ao progresso, ao bem estar e à democracia política e social.

Neste momento nós saudamos em primeiro lugar as forças democráticas portuguesas que desde há anos se têm vindo a opor activa e corajosamente à guerra colonial. Esta tomada de consciência crescente está intimamente ligada à afirmação da vontade intelectual do povo moçambicano assim como dos povos de Angola, Guiné-Bissau e Ilhas de Cabo Verde à independência e à liberdade, vontade que se concretizou na luta armada de libertação nacional que se tem vindo a estender progressivamente e que no nosso país atinge hoje regiões vastas.

de interesses que eram contrários aos interesses do seu povo. O estabelecimento da democracia em Portugal será uma vitória para o povo português, vitória que nos alegra.

Para o povo moçambicano, sob a direcção da FRELIMO, a definição correcta do inimigo sempre constituiu um ponto de princípio essencial: o inimigo do povo moçambicano não é o povo português, ele próprio vítima do fascismo, mas o sistema colonial português. E o próprio exército português foi levado a compreender que não defendia os interesses do seu povo na guerra colonial ao sentir a desafeição crescente da opinião portuguesa em relação à guerra que trava nas colónias.

É a nossa luta representamos assim uma contribuição à luta do povo português contra o fascismo e para a reconquista do seu direito à democracia a FRELIMO não pode sendo felicitar-se de para isso haver contribuído.

Mas do mesmo modo que o povo português tem direito à independência e à democratização não se poderá negar ao povo moçambicano os mesmos direitos. É por esses direitos elementares, mas essenciais, que nos batemos. Os combates da FRELIMO são bem claros: a independência total e completa do povo moçambicano, a liquidação do colonialismo português. O povo moçambicano constitui uma entidade distinta do povo português, possui a sua própria personalidade política, cultural e social. Não nos batemos para sermos portugueses de pele preta. Batemo-nos para nos afirmarmos enquanto moçambicanos, sem que tal signifique contumelioso desprezo pelo povo português ou qualquer outro povo.

FRELIMO reafirma este propósito o princípio de cooperar plenamente numa base de independência, igualdade, respeito e interesse mútuo com todos os povos do mundo.

**A Frelimo uma guerra racial**

A FRELIMO reafirma ainda claramente que a definição de Moçambique não corresponde a uma cor de pele ou de origem racial, étnica, religiosa ou outra.

mento do direito do povo moçambicano, dirigido pela FRELIMO, sua autêntico e legítimo representante, à independência, se poderá pôr termo à guerra.

Qualquer tentativa de iludir o problema real só terá como consequência causar novos e escusados sacrifícios.

A via para a solução do problema é clara: reconhecer o direito do povo moçambicano à independência.

Se porém o objectivo do golpe de estado é o de encontrar novas fórmulas para perpetuar a opressão sobre o nosso povo, que os governantes portugueses saibam que se deitarem com a nossa firme determinação. O povo moçambicano ao longo de 10 anos de luta armada heroica, consentiu pesados sacrifícios e derramou o sangue dos melhores dos seus filhos para defender o princípio insalienável da sua soberania como nação livre e independente.

Temperado política e militarmente, encorajado pelos sucessos crescentes na luta armada, o povo moçambicano não recuará diante de qualquer sacrifício para que triunfem os seus direitos e aspirações fundamentais.

Não podemos aceitar que a democracia para o povo português sirva como cobertura para impedir a independência do nosso povo. Assim como a época de Caetano demonstrou amplamente que não existe fascismo liberal, é necessário compreender claramente que não há colonialismo democrático.

Neste momento importa que todas as forças solidárias do povo moçambicano e dos povos de Angola, Guiné-Bissau e Cabo Verde e São Tomé e Príncipe continuem a agir para que seja reconhecido o nosso direito à independência completa e permanente vigiando perante quaisquer manobras visando bloquear o processo da nossa libertação total, vindas tanto da parte do governo português como dos regimes da África do Sul e da Rodésia racista.

Importa ainda que as forças que apoia a nossa luta reforcem a sua ajuda em todos os planos aos movimentos de libertação para que se possam concretizar como o fim do colonialismo português, as aspirações dos nossos povos que são as de toda a Humanidade.

O Comité Executivo da Frente de Libertação de Moçambique

## 25 de Setembro de 1964: a luta armada

A luta armada, ou guerra de libertação nacional, é desencadeada em 25 de Setembro de 1964 mas só surge quando todas as possibilidades de diálogo foram violentamente encerradas pelo anterior regime fascista português.

Trata-se com efeito de uma luta de último recurso e este facto vem vindo desde sempre a ser referido em muitos dos comunicados do movimento: "A Frelimo não é uma determinação desse lado, concedida antes da luta armada, o povo moçambicano não se dá por obrigado a pagar em armas" — e, nomeadamente declarado com frequência em programas da Frente através da Rádio Zâmbia e Transâmica e no seu órgão informativo, o "Revolution em Moçambique".

Por outro lado, a FRELIMO tem igualmente tido sempre a preocupação de definir concretamente o inimigo contra o qual se bate em termos inequívocos. Declarando simbolizar a unidade do povo de Moçambique de norte a sul e englobar "o conjunto de todas as forças do nosso país sem distinção de espécie alguma, raça, sexo, crença religiosa ou lugar de domicílio". A FRELIMO determinou desde o início da sua luta que a sua definição de inimigo

"não se baseia na cor da pele dos indivíduos". Aliás, e como é do conhecimento de muita gente, existem brancos moçambicanos filiados na FRELIMO, participando nas acções armadas pelo mesmo, pertencendo ao seus quadros dirigentes.

O reconhecimento de uma "Comunidade Portuguesa" em Moçambique e a declaração de que a FRELIMO se baseia no "Sociedade Samora Machel, nomeadamente na sua mensagem anunciando a abertura de uma Frente de Luta em Manica e Sofala, disse: "Ao desencadearmos a luta armada em Moçambique, não nos encontramos isolados uma secção muito importante da comunidade portuguesa".

Uma vez referida a sua luta armada, o povo moçambicano não se dá por obrigado a pagar em armas" — e, nomeadamente declarado com frequência em programas da Frente através da Rádio Zâmbia e Transâmica e no seu órgão informativo, o "Revolution em Moçambique".

Por outro lado, a FRELIMO tem igualmente tido sempre a preocupação de definir concretamente o inimigo contra o qual se bate em termos inequívocos. Declarando simbolizar a unidade do povo de Moçambique de norte a sul e englobar "o conjunto de todas as forças do nosso país sem distinção de espécie alguma, raça, sexo, crença religiosa ou lugar de domicílio". A FRELIMO determinou desde o início da sua luta que a sua definição de inimigo

Por outro lado, a FRELIMO tem igualmente tido sempre a preocupação de definir concretamente o inimigo contra o qual se bate em termos inequívocos. Declarando simbolizar a unidade do povo de Moçambique de norte a sul e englobar "o conjunto de todas as forças do nosso país sem distinção de espécie alguma, raça, sexo, crença religiosa ou lugar de domicílio". A FRELIMO determinou desde o início da sua luta que a sua definição de inimigo

Por outro lado, a FRELIMO tem igualmente tido sempre a preocupação de definir concretamente o inimigo contra o qual se bate em termos inequívocos. Declarando simbolizar a unidade do povo de Moçambique de norte a sul e englobar "o conjunto de todas as forças do nosso país sem distinção de espécie alguma, raça, sexo, crença religiosa ou lugar de domicílio". A FRELIMO determinou desde o início da sua luta que a sua definição de inimigo

Por outro lado, a FRELIMO tem igualmente tido sempre a preocupação de definir concretamente o inimigo contra o qual se bate em termos inequívocos. Declarando simbolizar a unidade do povo de Moçambique de norte a sul e englobar "o conjunto de todas as forças do nosso país sem distinção de espécie alguma, raça, sexo, crença religiosa ou lugar de domicílio". A FRELIMO determinou desde o início da sua luta que a sua definição de inimigo

Por outro lado, a FRELIMO tem igualmente tido sempre a preocupação de definir concretamente o inimigo contra o qual se bate em termos inequívocos. Declarando simbolizar a unidade do povo de Moçambique de norte a sul e englobar "o conjunto de todas as forças do nosso país sem distinção de espécie alguma, raça, sexo, crença religiosa ou lugar de domicílio". A FRELIMO determinou desde o início da sua luta que a sua definição de inimigo

## Independência é problema fundamental

A coincidência entre a crise do regime em Portugal e os grandes desenvolvimentos que conheceu a luta de libertação nacional em Moçambique, nos últimos dois anos, não é fruto do acaso, mas uma prova adicional do impacto que tem a nossa luta na situação em Portugal.

O factor determinante da situação em Portugal e nas colónias é e continua a ser, a luta dos nossos povos, e o problema fundamental em qual nenhuma solução será possível é o dia da independência dos povos de Moçambique, Angola, Guiné-Bissau e Ilhas de Cabo Verde, assim como as restantes colónias portuguesas.

Que nos diga respeito ao povo português, na medida em que os princípios definidos nas proclamações do nosso golpe de estado concebidas até agora se concretizarem, tal facto constituirá em si uma vitória para o povo português e para o povo moçambicano.

Os jovens que se engajaram na acção destinada a pôr termo a 48 anos de ditadura interrompida em Portugal agindo no sentido das aspirações do povo português à realização dos seus direitos legítimos à democracia, liberdade e independência real, são os mesmos jovens que levados a bater-se contra o nosso povo compreenderam, em Moçambique, a importância da guerra em que estavam envolvidos e a natureza do regime que os levava a dar a sua vida pelo defen-

da luta armada revolucionária, principalmente no que respeita à função e situação da consciencialização política nesse processo. Quanto ao nível ideológico do movimento moçambicano, a primeira e principal contradição fora ultrapassada: a transformação da simples luta armada em luta revolucionária.

## O povo moçambicano em armas

São estes pois — liberdade e independência, afirmação da nossa própria personalidade — os objectivos da nossa luta.

Os combates unidos da FRELIMO não são profissionais da guerra. São o povo moçambicano em armas. São, antes de mais, militantes políticos que pagaram em armas para pôr termo à violência quotidiana da dominação, da exploração e da repressão colonial.

Cabe ao governo português tirar completamente as lições da experiência passada e compreender bem que só pelo reconheci-

## História da Frelimo

Após a II Guerra Mundial, surgem em Moçambique diversos movimentos culturais, religiosos e sindicais com características nitidamente anticolonialistas. Anteriormente, tinham-se já feito sentir diversos acontecimentos igualmente pré-Macaboniano em Moçambique, como a revolta Macaboniana em Manica e Sofala entre 1891 e 1917.

Outras revoltas de populações, por exemplo como oposição ao recrutamento forçado de mão-de-obra, aos impostos, etc., foram igualmente suscitadas, nomeadamente nos anos de 1924 e 1934. As primeiras organizações que nesta perspectiva ganharam renome internacional são no entanto organizações urbanas como o Grémio Negresco do Centro Operativo dos Negros de Moçambique, o "Jornal 'Brado Africano'". De um modo geral, pode dizer-se que a colonização portuguesa sempre teve que contar com oposição mais ou menos organizada, mas que não conseguiu, quer pela sua anarquia, quer pela sua reduzida representatividade que uma organização revolucionária seria o FRELIMO viria obter, entre os anos 60 e os nossos dias.

A sua fundação em 1962, seria no entanto precedida pelo aparecimento da União Democrática Nacional de Moçambique (UDENAMO) em Outubro de 1960, em Bulawayo. Tendo por base os trabalhadores moçambicanos que viviam na então Rodésia do Sul, os seus líderes eram Adelino Gwambe, Paulo Gumane, Carlos Mahleye e Marcello dos Santos. Em Junho de 1962, a UDENAMO uniu-se a duas outras organizações nacionalistas aparecidas entre-tanto, a Moçambique African National Union (MANU), com base na então Tangânicia, e com a União Nacional de Moçambique Independente (UNAMI), cuja sede na Niassalândia. As três organizações formaram então a Frente de

libertação de Moçambique (FRELIMO).

Trata-se ainda, simplesmente, de um movimento de características mal definidas mas nas quais prevaleciam as teses do nacionalismo africano, então concretizadas com as indubiedades neo-colonialistas que Europa e Estados Unidos não queriam criar em África. A ultrapassagem de uma primeira crise no interior do recém-formado movimento, será decisiva para a sua escolha de uma prática adequada nos anos seguintes, até à pequenas dissensões pessoais e divergências parecerem poder ser postas de parte em redor de um objectivo comum: não é assim. A FRELIMO teria que negar uma posição de nacionalismo africano para poder levar a cabo o seu papel histórico. A alternativa foi a revolução.

Na transição dos anos 1963/64, os primeiros problemas efectivamente graves no interior do movimento surgem à luz do dia. Chegava-se então ao termo de um período designado como de "preparação de luta armada" e as diversas posições ante o modo de a desencadear e levar a cabo a "preparação de luta armada" tornaram-se irreconciliáveis. Por um lado, os nacionalistas defendendo a posição extremista de se iniciar o combate com acções terroristas, definido o inimigo em termos de duas raças em luta e pré-seguido. Por outro lado, e esta foi a via que prevaleceu na FRELIMO, uma tendência socialista que se defendia contra o colonialismo português e seus agentes, contra a estrutura de domínio que aplicava para o todo o povo moçambicano de boa vontade. Sem distinção de espécie alguma.

Como consequência da impossibilidade de se concretizar uma plataforma comum, Paulo Gumane, ex-líder da UNAMI e então secretário-geral da FRELIMO, e David Mabunda, secretário-geral, cortam com o movimento para fundar em Campalua, uma segunda versão "UDENAMO" mais tarde, jun-

tar-se a eles Adelino Gwambe, da primeira "UDENAMO", que entraram fundar um outro partido, o Movimento Democrático Unificado (MDU), em Salibéria. Em 1964 Leo Milas — expulso da FRELIMO por se provar que trabalhava para a CIA — funda em Cartum uma segunda versão da "UDENAMO", MNC e o MDU formam a COREMO, fora da qual ficam a MANU e uma nova UNAMI. De um modo geral todos estes movimentos são directa ou indirectamente infiltrados ou apoiados pela CIA ou por fundos americanos e os seus líderes continuam a defender a necessidade de acções terroristas "exemplares" contra a população branca e visando a sua expulsão total do país. Mas as divisões continuam: em 1965, a COREMO cede-se em das facções e Adelino Gwambe é expulso — para em breve fundar um novo partido, o PAROMO. Com excepção da COREMO, cuja actividade terrorista em Moçambique só viria a terminar, praticamente com a sua dissolução, nos anos 1970/71, os restantes movimentos dissidentes de um modo geral limitaram-se a acções de propaganda no estrangeiro, visando colheitas de fundos e outros apoios. Acabariam por se dissolver ou ficar apenas reduzidos aos seus chefes e a estranhas declarações de princípios mais do que nunca teorizadas, o que leva a uma maior consciencialização e certeza. Alguns liquidadores deste momento afirmam que foi por esta altura que o líder revolucionário cubano Ernesto "Che" Guevara terá vindo a Moçambique, junto à fronteira com o Rovuma e as primeiras "zonas libertadas". Fre-se a então gerado uma famosa discussão entre os dirigentes da Frelimo e o "Che", durante a qual este viu concretamente refutada a sua tese sobre o desencadear da

libertação de Moçambique (FRELIMO).

Trata-se ainda, simplesmente, de um movimento de características mal definidas mas nas quais prevaleciam as teses do nacionalismo africano, então concretizadas com as indubiedades neo-colonialistas que Europa e Estados Unidos não queriam criar em África. A ultrapassagem de uma primeira crise no interior do recém-formado movimento, será decisiva para a sua escolha de uma prática adequada nos anos seguintes, até à pequenas dissensões pessoais e divergências parecerem poder ser postas de parte em redor de um objectivo comum: não é assim. A FRELIMO teria que negar uma posição de nacionalismo africano para poder levar a cabo o seu papel histórico. A alternativa foi a revolução.

Na transição dos anos 1963/64, os primeiros problemas efectivamente graves no interior do movimento surgem à luz do dia. Chegava-se então ao termo de um período designado como de "preparação de luta armada" e as diversas posições ante o modo de a desencadear e levar a cabo a "preparação de luta armada" tornaram-se irreconciliáveis. Por um lado, os nacionalistas defendendo a posição extremista de se iniciar o combate com acções terroristas, definido o inimigo em termos de duas raças em luta e pré-seguido. Por outro lado, e esta foi a via que prevaleceu na FRELIMO, uma tendência socialista que se defendia contra o colonialismo português e seus agentes, contra a estrutura de domínio que aplicava para o todo o povo moçambicano de boa vontade. Sem distinção de espécie alguma.

Como consequência da impossibilidade de se concretizar uma plataforma comum, Paulo Gumane, ex-líder da UNAMI e então secretário-geral da FRELIMO, e David Mabunda, secretário-geral, cortam com o movimento para fundar em Campalua, uma segunda versão "UDENAMO" mais tarde, jun-

tar-se a eles Adelino Gwambe, da primeira "UDENAMO", que entraram fundar um outro partido, o Movimento Democrático Unificado (MDU), em Salibéria. Em 1964 Leo Milas — expulso da FRELIMO por se provar que trabalhava para a CIA — funda em Cartum uma segunda versão da "UDENAMO", MNC e o MDU formam a COREMO, fora da qual ficam a MANU e uma nova UNAMI. De um modo geral todos estes movimentos são directa ou indirectamente infiltrados ou apoiados pela CIA ou por fundos americanos e os seus líderes continuam a defender a necessidade de acções terroristas "exemplares" contra a população branca e visando a sua expulsão total do país. Mas as divisões continuam: em 1965, a COREMO cede-se em das facções e Adelino Gwambe é expulso — para em breve fundar um novo partido, o PAROMO. Com excepção da COREMO, cuja actividade terrorista em Moçambique só viria a terminar, praticamente com a sua dissolução, nos anos 1970/71, os restantes movimentos dissidentes de um modo geral limitaram-se a acções de propaganda no estrangeiro, visando colheitas de fundos e outros apoios. Acabariam por se dissolver ou ficar apenas reduzidos aos seus chefes e a estranhas declarações de princípios mais do que nunca teorizadas, o que leva a uma maior consciencialização e certeza. Alguns liquidadores deste momento afirmam que foi por esta altura que o líder revolucionário cubano Ernesto "Che" Guevara terá vindo a Moçambique, junto à fronteira com o Rovuma e as primeiras "zonas libertadas". Fre-se a então gerado uma famosa discussão entre os dirigentes da Frelimo e o "Che", durante a qual este viu concretamente refutada a sua tese sobre o desencadear da

libertação de Moçambique (FRELIMO).

Trata-se ainda, simplesmente, de um movimento de características mal definidas mas nas quais prevaleciam as teses do nacionalismo africano, então concretizadas com as indubiedades neo-colonialistas que Europa e Estados Unidos não queriam criar em África. A ultrapassagem de uma primeira crise no interior do recém-formado movimento, será decisiva para a sua escolha de uma prática adequada nos anos seguintes, até à pequenas dissensões pessoais e divergências parecerem poder ser postas de parte em redor de um objectivo comum: não é assim. A FRELIMO teria que negar uma posição de nacionalismo africano para poder levar a cabo o seu papel histórico. A alternativa foi a revolução.

Na transição dos anos 1963/64, os primeiros problemas efectivamente graves no interior do movimento surgem à luz do dia. Chegava-se então ao termo de um período designado como de "preparação de luta armada" e as diversas posições ante o modo de a desencadear e levar a cabo a "preparação de luta armada" tornaram-se irreconciliáveis. Por um lado, os nacionalistas defendendo a posição extremista de se iniciar o combate com acções terroristas, definido o inimigo em termos de duas raças em luta e pré-seguido. Por outro lado, e esta foi a via que prevaleceu na FRELIMO, uma tendência socialista que se defendia contra o colonialismo português e seus agentes, contra a estrutura de domínio que aplicava para o todo o povo moçambicano de boa vontade. Sem distinção de espécie alguma.

Como consequência da impossibilidade de se concretizar uma plataforma comum, Paulo Gumane, ex-líder da UNAMI e então secretário-geral da FRELIMO, e David Mabunda, secretário-geral, cortam com o movimento para fundar em Campalua, uma segunda versão "UDENAMO" mais tarde, jun-

**aguardente**  
a água que nacionalizou o whisky

**PIZÕES-MOURA**

Esta gente de agora! No meu tempo não era nada disto! Ele e o jantar em cima da alcatafia! Ele é a bebida entornada sobre a alcatafia! Ele é jogar a bola em cima da alcatafia! Santo Deus, muito pode uma alcatafia CUF TEXTEIS! Resistem a tudo. Carpetes e alcatafias. Têm a alta qualidade e a garantia CUF TEXTEIS. As cores modernas que só tem a CUF TEXTEIS! É são tão fáceis de limpar! Bem, e têm o feiquito que faz do'lar um brinco, uma maravilha em conforto! Não é verdade?

**Cuf-Textéis**  
o conforto que resiste

**CUF**  
TEXTEIS LAR